

ALVALADE

Em três publicações minhas, de há muitos anos, eu tive a infeliz idea de querer intrometer-me em dominio estranho aos meus estudos árabes. Fi-lo para explicar certo facto fonético, em nomes da nossa toponímia, que a língua árabe teria desviado da evolução românica. Ninguém tomou a sério a minha pretensão; e o silêncio dos mestres na matéria foi para mim a sua condenação. Últimamente, no vol. 24, p. 193-8, desta *Revista*, o Sr. Dr. Joaquim da Silveira deu-se ao trabalho de demonstrar a minha sem-razão em termos, todavia, muito para agradecer. Não é por isso que escrevo esta nota, mas porque algumas afirmações do meu contraditor aí feitas me não parecem exactas.

Pretendera eu: 1.º que *Alvalade* provinha do latim *pala-tiu-* através da forma arabizada *albalat*, dada com aquele sentido nos autores árabes; 2.º que *Beja* vinha do nome latino da cidade *Pace-* (*Augusta-*); 3.º em ambos os casos, a admitir-se a minha explicação, *ti-* e *ce-* teriam ainda no princípio do séc. VIII o valor primitivo de explosivas e não de fricativas que depois tiveram; 4.º a confirmar isto acrescia a forma árabe da *Gallaecia*, *Jallequia*.

Estou hoje convencido de que eu não tinha razão e que a explicação fonética dos nomes indicados tem de ser outra.

Para *Beja*, o caso está arrumado: esta forma provém, sem dúvida, da intermédia *Paca*, que deve ter existido antes do séc. VIII, como propôs o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos.

Para *albalat* tenho eu agora uma solução satisfatória, porque a forma árabe deve ser de cerca do séc. VIII e ter vindo do Oriente.

Mas para *Jallequia* não tenho explicação alguma, já que a outra é inadmissível. Tratando-se de uma região de que os Árabes só tomaram conhecimento quando invadiram a Península, o seu nome em árabe deve ser contemporâneo da invasão: mas como tem de ser posta de parte a pronúncia *Gallequia*, eu não sei resolver o caso, nem o Sr. Dr. J. da Silveira se occupou dêlo.

Voltemos a *albalat*. No léxico árabe *balat* tem três sentidos: 1.º lágea, pavimento liso de pedra ou tijolo; 2.º palácio

real; 3.ª nave (de templo: igreja ou mesquita). O primeiro é o único de raiz árabe (Lane, *Arabic-English Lexicon*, I, p. 249); os outros dois são importados. Com a significação de «palácio real» é, na verdade, a palavra latina *palatium* (Dozy, *Supplément aux dictionnaires arabes*, I, p. III), mas por intermédio do grego: o vocábulo passou ao grego bizantino na forma *παλατιον* (Du Cange, *Glossarium ad scriptores mediae et infimae Graecitatis*, I, col. 1082) e de lá ao árabe. No terceiro sentido é o baixo-latim *baletu-* (Dozy, *Supplément...*, I, p. III, e Edrici, *Description de l'Afrique et de l'Espagne*, p. 274, pelo mesmo autor e De Goeje).

Só nos importa agora a segunda significação do vocábulo. Se, como creio, ele tem a origem indicada, já existiria, pois, no léxico árabe quando os Árabes conquistaram a Península, ou terá entrado nele por esse tempo. Como é sabido, foi com os Gregos da Síria e do Egito que eles estiveram primeiro em contacto desde o séc. VII. Posto assim o problema, fica prejudicada a afirmação de que os mais antigos documentos ou autores em que ele aparece remontam apenas ao séc. XI. Demais, não possuindo a língua árabe ainda dicionário histórico, nada se pode por isso asseverar de seguro a esse respeito: é precário o argumento que se baseia em factos incompletamente averiguados, porque o vocábulo pode ter ocorrido em autor anterior a esse século e não ter sido ainda recolhido. Os próprios documentos cristãos parecem provar a sua antiguidade de facto; o cronicão de Afonso III, de Leão, atribuído ao séc. IX, falando do palácio do rei diz: «... a Caldeis *Uallat* Ruderici est vocitatus» (Fernández Guerra, *Caida y ruina del imperio visigótico español*, p. 42 n. Citação do Sr. Dr. J. da Silveira). Seja ou não desse século, este passo mostra a vulgaridade do vocábulo; e é nas regiões onde até mais tarde permaneceram os Árabes que existem os *Alvalade*.

Para reforçar a sua dúvida, relativamente à minha explicação, o Sr. Dr. J. da Silveira vai afirmando que a letra do alfabeto árabe, a 16.ª, que representa o *t* de *albalat* «está longe de corresponder fielmente a esta explosiva na pronúncia», mas: a) que «ela tem antes um valor bastante semelhante ao *th* inglês»; — b) que Simonet diz que a pronúncia dela se aproxima ora do *t*, ora do *z* castelhano, como sucede, v. g., em *firmetha*, transcrição aljamiada do vocábulo espanhol *firmeza*; — c) que, segundo o mesmo autor, o nome próprio *Al-Balat*, dado por Ibne Alcatibe no séc. XIV a uma

granja dos arredores de Granada, corresponde a *El-Palaz* em escrituras cristãs dos séc. XV e XVI; — *d*) que o vocábulo português e castelhano *masmorra* (*mazmorra*), «onde o *z* é o sucessor legítimo do *ttá*», é contraprova dos factos afirmados. Assim, no seu entender, estes factos «infirmam o pretendido valor explosivo de *ti*-seguido de vogal ainda no séc. VIII e tornam inverosímil» o meu étimo de *Alvalade*; e, todavia, continua êle, «na maioria dos casos» a pronúncia do *ttá* aproxima-se «da do nosso *t* e por êste está representado em numerosas palavras portuguesas». Esta segunda afirmação, verdadeira, invalida a primeira, evidentemente; mas há mais: tôdas as afirmações anteriores são inexactas.

Assim: *a*) o *th* inglês, dental, quer de *thing*, quer de *that*, corresponde respectivamente às letras 4.^a e 9.^a do alfabeto árabe; mas a 16.^a letra dêste alfabeto, que deu o *t* de *albalat*, tem o valor de palatal (próximo do *t* inglês, alveolar, de *but*); — *b*) Simonet translitera sempre, na verdade, essa letra por *th*, como muitos outros arabistas, sem lhe dar correspondência com o *th* inglês; mas ela nunca tem o valor de *z* = *ç*, como êle pretende, porque o exemplo dado, único, é uma má leitura, ou má escrita, por confusão desta letra com a 14.^a, as quais se diferenciam só por uma linha vertical a mais naquela. Dei-me à tarefa de percorrer todo o glossário de Simonet, para saber como se transcrevem em caracteres árabes os vocábulos neste caso, e achei que *z* (*ç*) é representado ora pela 12.^a letra, ora pela 14.^a, como *fuerza*, *garza*, etc., e nunca pela 16.^a. Nas aljamias castelhana e portuguesa é sempre assim também; — *c*) Simonet não identifica *Al-Balat* e *El-Palaz*, mas simplesmente aproxima êstes nomes dubitativamente: «quizás...» diz êle; — *d*) o vocábulo *masmorra* não prova nada. O seu étimo é realmente *matmora* em que o *t* é igual ao *t* de *albalat*; êle deu *matamorra* em português — que se pode ler em Góis (*Crónica de D. Manuel*, III, cap. 74) — e *mazmorra* em castelhano por evolução românica, como, por exemplo, em *bizma* de *epithema* (Pidal, *Manual de gramática histórica española*, p. 83), donde passou ao português, como hei-de provar em estudo que estou preparando.

Inutilizada a minha explicação por aquelas suas considerações, o Sr. Dr. J. da Silveira vê, todavia, o étimo de *Alvalade* no mesmo vocábulo, na forma espanhola *balate*, com significação derivada da clássica («lãgea, pavimento liso de pedra ou tijolo»), que dei já. Êste é de fundo árabe e não

importado, como disse (Lane, I, p. 249). Firma-se para isso em Eguilaz (*Glosario de las palabras españolas... de origen oriental*, s. v. *balate*) e suas fontes, o qual define assim o vocábulo: «senda ou vereda estreita nos extremos das herdades, que lhes serve de linda e franqueia a passagem de uma a outra».

O autor espanhol abona-se com este passo das *Ordenações de Granada*: «... muchas personas toman en el campo para ensanchar sus heredades parte de los caminos y balates y azequias». A definição da Academia espanhola é: «suelo allanado, bordo exterior de las acequias». Eguilaz cita duas fontes importantes para o significado do termo árabe, a saber, a *História de Alepo* e o *Vocabulista in arabico* publicado por Schiaparelli. Conforme a primeira, *balat* é sinónimo de *racif*, e segundo o *Vocabulista* a significação deste vocábulo árabe é *strata*; e, na verdade, neste vocábulo *strata*, isto é, *calzada*, como a seguir se diz, dá-se essa mesma significação; e, por outro lado, o mesmo *Vocabulista*, no vocábulo *via*, dá, depois de muitos nomes que têm essa significação, também, só no fim da lista, *balão* (e não *balāt*, que é o termo usado na *História de Alepo*). Daqui inferiu o Sr. Dr. J. da Silveira a sua definição de *balat*: «a via, estrada, calçada», que ficou, segundo ele, como designação locativa de vários lugares por onde passava «a via militar romana e mais tarde a estrada real».

A inferência parece-me inexacta. Não é este o termo usado para designar «a estrada, a via». No vocábulo *via* do *Vocabulista* dizem-se quais são, e só num sentido particular aparece *balat* para significar *strata* no sentido de *calzada*, mas não *via* no seu sentido geral. (Todavia, Dozy no *Supplément*, I, p. 111, deixou-se induzir em erro, e dá a *balāt* a significação de *route*, *chemin*, que não é a do vocábulo castelhano *balat*, nem a da *História de Alepo*). Do mesmo modo, Pedro de Alcalá, dando a significação de *racif*, diz *calzada camino*, isto é, *calzada* no sentido de *camino*, como no *Vocabulista* vem *strata* no sentido de *calzada*. Na verdade, *racif*, além do significado de *recife*, tem dois outros: o de *represa* num rio, um açude, por exemplo, e também por extensão o *leito alleado* de um caminho (Dozy, *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe*, p. 198-9. No primeiro sentido posso citar o famoso dique do Guadalquivir em Córdova, em frente da catedral, ainda hoje chamado «Arre-

cife». Ibne Hâncal diz dêle: «O caminho chamado recife». Cf. Edrici, p. 306).

Assim nem *racif*, nem o seu sinónimo *balat* significaram nunca *via*, *estrada*, como tão pouco o castelhano *balate* tem êsse significado. Por isso, concluindo, eu mantenho, até melhor opinião, a minha etimologia de *Alvalade*, com o correctivo que fiz.

DAVID LOPES.